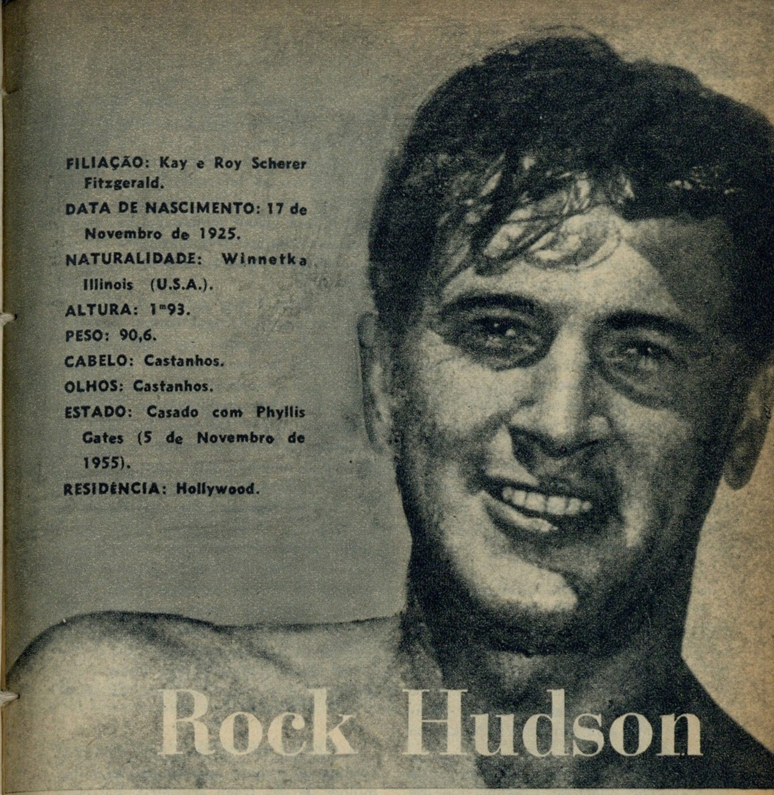
Rock Hudson





FILIAÇÃO: Kay e Roy Scherer Fitzgerald.

DATA DE NASCIMENTO: 17 de Novembro de 1925.

NATURALIDADE: Winnetka Illinois (U.S.A.).

ALTURA: 1m93.

PESO: 90,6.

CABELO: Castanhos.

OLHOS: Castanhos.

ESTADO: Casado com Phyllis Gates (5 de Novembro de 1955).

RESIDÊNCIA: Hollywood.

Rock Hudson

ALBUM DOS ARTISTAS

(2.º Volume — Fasc. 22)

Edição de Aguiar & Dias, Ltd.ª — Todos os direitos reservados para Portugal, em conformidade com a lei, na apresentação, disposição e conjunto da obra. — Distribuidores e Depositários: Agência Portuguesa de Revistas — Rua Saraiva de Carvalho, 207 — Telefones 668639/ /668684 — LISBOA (Portugal) Delegação no Porto: Rua Duque de Loulé, 42 — Telefone 30794 — Composto e impresso nas Oficinas de Bertrand (Irmãos), Ltd.ª — Travessa da Condessa do Rio, 7 — Lisboa.

17 de Novembro de 1925.

Um vento gelado soprava na rua. Atrás do balcão, Fitzgerald atendia distraìdamente a clientela da sua mercearia. Naquele dia, o simpático comerciante, contràriamente ao seu zelo e eficiência habituais, não acertava no que devia fazer. A um cliente servia azeite em lugar de gasolina, a outro dava uma alarmante diferença no troco de dez dólares. Os clientes aglomeravam-se e alguns soltavam risos de ironia, ao ver o merceeiro tão atrapalhado, olhando repetidamente para o relógio de pulso com manifesta impaciência.

— Mas, que lhe sucedeu hoje, Fitzgerald? Está completamente transtornado.

— Não é para menos. A minha mulher espera esta noite a visita da cegonha. O meu primeiro filho.

Com efeito, horas depois nascia Roy Fitzgerald, que anos mais tarde o mundo inteiro conheceria com o nome de Rock Hudson e se tornaria um verdadeiro ídolo do público feminino.

★

Roy nasceu num lar muito pobre. Sua mãe, Kay Scherer, casara ainda muito jovem com o merceeiro Fitzgerald. O casal atravessou, nos primeiros anos, uma tão precária situação, que o pai de Roy se viu obrigado a empregar-se como mecânico de uma garagem de Winnetka, no Estado de Illinois.

Roy tinha por único brinquedo um pequeno cão chamado Crystal, que lhe merecia um verdadeiro afecto.

O pequeno Roy crescia sem incidentes. Aos 4 anos havia na sua vida apenas duas datas memoráveis: a fractura de um braço e o corte de cabelo imposto por seu pai e largamente comentado e discutido por sua mãe e sua tia Pearl, que lamentaram a perda dos formosos caracóis.

Aos seis anos (corria um dos anos mais difíceis da vida americana — 1931) uma dolorosa experiência atingiu o pequeno Roy, motivada pela separação de seus pais.

No ânimo do pequeno rapaz ficou gravado o sacrifício que a separação significava para sua mãe.

— Desde hoje — explicou Kay a seu filho — o teu pai não voltará a comer nem a dormir em casa. Vai fazer uma viagem que durará algum tempo. Talvez, com o tempo, saibas que vive com outra mulher, a quem sorri como até ontem sorria para mim.

— E também não sorrirá para mim de hoje em diante? O papá deixou de gostar de nós? — perguntou Roy ingènuamente.

— Ainda és muito pequeno para compreenderes a verdade das coisas — exclamou a mãe com uma expressão de dor. — Basta que saibas que desde hoje tu e eu estamos sòzinhos no mundo, e que não tens mais ninguém a teu lado.

— O papá é mau — suspirou Roy, enquanto as lágrimas lhe corriam pelos olhos.

A mãe retorceu as mãos com angústia:

— Não, meu filho, o papá não é mau. Mas ele e eu não podemos viver sob o mesmo tecto. Ele deseja seguir outro caminho, e eu... não posso detê-lo. Fico contigo.N ão me perguntes mais, por favor! Quando fores homem poderás julgar com perfeito conhecimento de causa.

★

A formosa Kay, jovem e bela, com uma vontade e firmeza surpreendentes numa mulher da sua frágil aparência, passou a viver inteiramente para o seu filho.

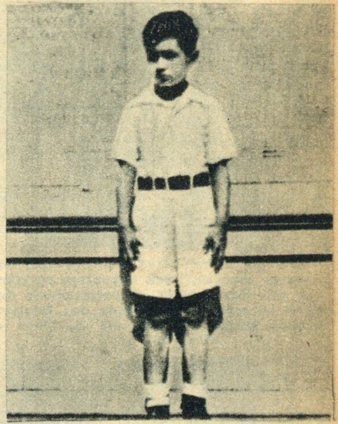
Começou então para ambos uma época difícil. Roy, aos dez anos, assistiu ao encorajador exemplo de sua mãe, que trabalhava intensamente em quantos empregos se lhe ofereciam para poder ganhar o suficiente para a subsistência do seu lar e para que nada faltasse a seu filho.

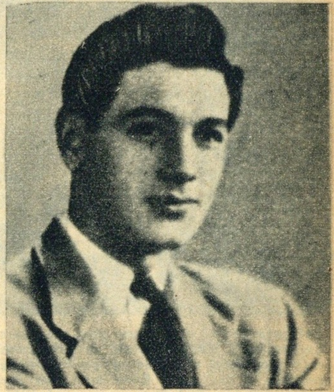
Roy frequentava a escola e empregava as suas horas livres ganhando 75 cêntimos semanais num botequim, onde estava



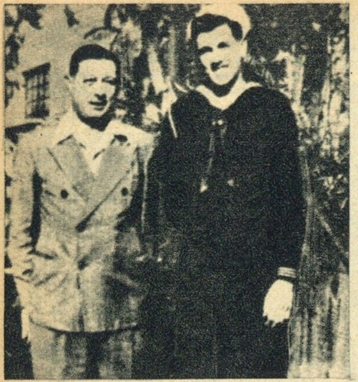
Rock Hudson, aos três anos de idade, já tinha o sorriso franco e bondoso que hoje o caracteriza. Repare-se na franja do garoto, que dir-se-ia copiada pela de Beatriz Costa...

Aos 5 anos, Rock tirou esta fotografia de blusa e calção, numa atitude concentrada pouco vulgar nesta idade e em que se revela já a personalidade varonil que o consagraria anos mais tarde.





À DIREITA: Eis uma fotografia de Rock Hudson quando frequentava o liceu. Já então, para se livrar das admiradoras, ele era obrigado a usar de muitos subterfúgios...



Antes de partir como marinheiro para diversas missões, Rock encontrou-se com seu pai, Roy Scherer. A permanência de Rock ao serviço da Armada dos Estados Unidos durou desde Janeiro de 1944 a Maio de 1946.



Enfrentando a vida com uma coragem excepcional, Rock aceitou as profissões mais modestas, a fim de que em casa nada faltasse a sua mãe. Ei-lo com um dos carros em que trabalhou como motorista.

encarregado de levar os maços de cigarros às clientes que passavam de automóvel.

Os dias mais felizes de Roy nesta época de penúria, surgiram quando passou um verão na granja dos seus avós, dois emigrantes da Suíça alemã, Lena e Theodoro Scherer, que viviam aprazìvelmente nas suas terras em Olney, Illinois, e dos quais Roy herdara a sua magnífica constituição física, a doçura do seu temperamento e a firmeza do seu carácter simples.

Passavam rápidos os dias na velha granja de Olney. O pequeno presenciava a pastagem dos rebanhos de vacas e carneros e os trabalhos da granja em que tanto gostava de intervir. Ali aprendeu também a nadar e a montar a cavalo.

Os seus regressos à cidade eram sempre decepcionantes.

— Mamã, trabalhas muito. Estás cansada, não é verdade?

— Um pouco, filho...

Mas chegou o dia em que Kay não pôde resistir mais. Caiu doente e, para adquirir os medicamentos, as parcas economias de que dispunha esgotaram-se ràpidamente.

A avó paterna de Roy visitou-os certo dia e ficou tristemente impressionada ao comprovar quanto penosa era a sua situação.

— Vinde viver comigo — propôs. — Não podes continuar esta vida, Kay.

— Confio em si, quando me restabelecer.

— Pensa em Roy — insistiu a bondosa senhora. — Deves consentir por ele. Ocuparás na minha casa o lugar que te corresponde: o de uma filha, que nunca deixei de amar.

★

Abriu-se assim, de par em par, a porta do vetusto solar vitoriano para receber mãe e filho. As suas enormes habitações impressionaram Roy vivamente.

Reinava na famosa habitação, em larga medida, a abundância e a ordem. Viviam ali também outro filho da avó com sua esposa e quatro filhos.

Roy afeiçoou-se por uma simpática velhinha, Mary Ellen Wood, com quem passeava com frequência pelos formosos e iluminados arredores de Winnetka, numa pequena carroça que por vezes ele próprio conduzia.

Infelizmente, tão agradável camaradagem durou pouco. Um dia, quando Kay regressava de uma povoação vizinha, encontrou-se à entrada do jardim com o pequeno Roy banhado em pranto.

— Mamã! Mamã! A avòzinha morreu!

A aparente robustez da anciã estava minada pela doença e a sua vida apagou-se repentinamente, talvez quando mais necessitava da sua ajuda o pequeno Roy.

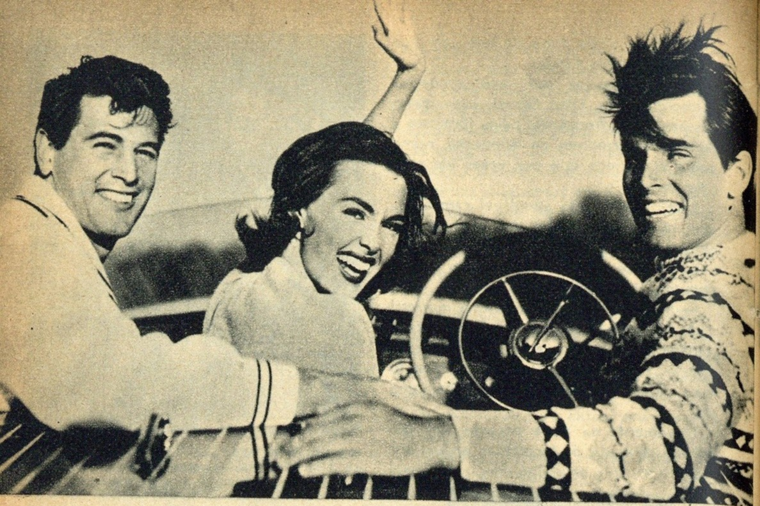
Novamente se abria perante Kay um mundo povoado de incertezas angustiantes. E enquanto seu filho chorava a perda



Rock e uma das suas primeiras namoradas — Bárbara Kieft.



Nos intervalos de filmagens de «Massacre», com Anthony Quinn e Bárbara Hale, Rock viu-se rodeado por numerosas admiradoras, que ansiavam conhecer mais de perto o galã-gigante. Mas, como se vê, ele não se impressionou com a fartura...



Na sua primeira viagem à Europa, Rock tornou-se um amigo sincero e inseparável do casal Bárbara Rush-Jeffrey Hunter. Houve jornalistas, porém, que atribuíram à sua presença as desinteligências que surgiram depois entre este casal, levando-os ao divórcio.

da avó, ela recebia um duplo golpe, porquanto, além da desaparição da carinhosa Mary Ellen, enfrentava também a sua precária situação económica.

— Não chores, Roy. Perdeste a tua boa avòzinha, mas ficas comigo, com a tua mãe.

— Mas não voltarei mais a passear de carro, nem ninguém me dará moedas para o meu mealheiro... Quando tinha sono e estava com medo de dormir sòzinho, a avòzinha contava-me umas histórias muito bonitas que me adormeciam lentamente.

Kay acariciou a cabeça do filho.

— Contar-te-ei histórias ainda mais bonitas. Não chores assim, meu filho...

O desgosto de Roy não conhecia limites, e passou muito tempo até se apagar completamente.

No colégio, o pequeno entregou-se à prática de desportos com os rapazes da sua idade, destacando-se depois como actor nas representações efectuadas no final de cada ano.

Pode dizer-se que data de então a paixão de Rock Hudson pelo cinema e por todas as manifestações da arte de representar.

Recordam-se do filme «Furacão», com John Hall, que actuou como galã de vários filmes interpretados por Maria Montez?

O pequeno Roy ficou emocionadíssimo ao admirar as exibições de natação de Hall, especialmente por lhe recordarem a sua própria habilidade nesse desporto e os seus acrobáticos saltos em trampolim.

Um amigo e companheiro do colégio, que conhecia as faculdades desportivas de Roy, aconselhou-o a que melhorasse o seu estilo.

— Porque não te aplicas a um bom treinamento para te dedicares ao desporto como profissional?

★

A partir de então, Roy passou muitas das suas horas livres nas margens do formoso lago Michigan, procurando superar as suas próprias marcas, a fim de poder despertar um dia a admiração de uma mulher deslumbrante como Dorothy Lamour, que tanto o impressionara em «Furacão».

Como resultado dos seus esforços, Roy obteve várias medalhas nos concursos escolares de natação e em várias competições desportivas.

Durante as férias, Roy aproveitava o tempo para intensificar os treinos, sem esquecer porém a necessidade de realizar fundos trabalhando às horas em todos os empregos que se lhe ofereciam. Esteve como «caddy» no Clube do Golfo, trabalhou também como moço de café, porteiro de alguns bares e até ajudante de cozinheiro.

★

Na escola superior, Roy conheceu um dia Nancy Gillogly, uma encantadora morena de olhos azuis, por quem se apaixonou. Quando ela ria, o seu rosto formava duas graciosas covinhas.

— Podes emprestar-me o livro do primeiro curso sobre técnica de aviação?

Rock Hudson tem vincada simpatia por todos os novos que começam a abrir caminho no cinema. Assim sucedeu durante as filmagens de «Sob o signo do mal», em que ele cumulou de amabilidades (e brincadeiras) a jovem actriz Judith Braun. Ela pediu-lhe que a levasse às cavalitas. Rock, sem hesitar, não tardou a pô-la aos ombros. Eis no que podem dar certas brincadeiras...







Rock deve ao realizador Raoul Walsh a sua ascensão na carreira de actor. Ei-los conversando à porta do camarim de Rock, a propósito de uma estrela oferecida por um grupo de admiradoras.

Perdi o meu. Devo tê-lo deixado em qualquer parte, mas agora não me lembro.

— Podes dispor de todos os meus livros como se fossem teus. Trago-to amanhã mesmo...

Na manhã seguinte, sobraçando o método de técnica de aviação, Roy ofereceu-o à rapariga com um pequeno ramo de flores. Era o seu primeiro acto de galanteria dedicado a uma mulher.

— Não te aborreces, não é verdade? As flores podem oferecer-se a qualquer rapariga, ainda que não seja namorada. A minha mãe costuma oferecer flores regularmente.

Nancy sorriu com gosto, pondo a descoberto uma fieira de dentes perfeitos.

— Obrigado, são muito bonitas. Levá-las-ei à festa que a minha prima Betsy dá esta noite. Não queres vir?

Perturbado, Roy respondeu:

— Acreditas que... eu posso ir a essa festa?

— Pois claro! Trata-se de uma festa particular. Basta ter menos de vinte e cinco anos e saber dançar. Tu sabes dançar?

— Sei dançar muito bem e também sei cantar e recitar poesias de amor... — assegurou Roy, rindo.

— Estupendo! Ficas contratado!

★

Durante meses, Nancy e Roy assistiram com Jimmy Mateoni e sua noiva, a numerosas festas campestres, «garden parties» e piqueniques, sessões de cinema ao ar livre e toda a espécie de diversões que os rapazes costumam oferecer a suas noivas sem incorrer em despesas ruinosas.

Viviam os quatro em plena euforia quando rebentou a segunda Guerra Mundial. Roy propôs-se cumprir o dever de todos os patriotas.

— Sabes o que decidi, Nancy? Alistei-me na marinha para cumprir o meu dever. Não quero esperar que me chamem. Que pensas da minha decisão?

— Acho que... deves fazer o que cabe a todo o homem normal. Mas tenho pena... Tenho medo de que o nosso romance fique reduzido a uma recordação...

— Uma recordação? Porquê? Quando a guerra terminar e eu regressar... Porque regressarei, tenho a certeza... Havemos de casar depois e o nosso romance de amor culminará numa felicidade tranquila... Verás, compraremos uma casinha, com um pequeno jardim. E tu cuidarás do lar... e eu ganharei muito dinheiro, para que nada te falte, nem bombons, nem vestidos formosos... Porque choras, Nancy? Não crês na minha palavra?

— Sim, sim... Já sei que falas verdade... Mas fiquei emocionada...

— Vamos, vamos... Precisas de ser valente! Pensa no futuro...

— Ver-nos-emos amanhã...

— Creio que sim... Ainda não sei... Como já me alistei, podem chamar-me de seguida...

A rapariga não podia dissimular as suas lágri-



Eis o trio de principais intérpretes de «Coração Selvagem»: Robert Ryan, Júlia Adams e Rock Hudson. O filme focava a história de dois irmãos em luta por ideias diferentes. Rock era o irmão que lutava ousadamente pela lei e pela ordem. Robert Ryan, o que não olhava a meios para conseguir os fins.

Dos primeiros vinte filmes de Rock, a esmagadora maioria pertence ao género de «cow-boys». Eis duas imagens de «Fúria das Armas», em que Rock contracenava com Donna Red, Phil Carey e Roberta Haynes, numa realização de Raoul Walsh, sobre a história de um homem ousado e sedento de vingança, que perseguia um cobarde que lhe roubara a mulher amada.





«Viram a minha noiva», um dos primeiros filmes em que Rock Hudson desempenhou papéis de galã, era uma espirituosa comédia musical, situada nos tempos agitados da Lei Seca, quando o ritmo louco do «jazz» dava os primeiros passos. Rock teve como «partenaire» neste filme a bela Piper Laurie, que então desfrutava de grande popularidade na América. O veterano Charles Coburn participava também no elenco.



mas e, entre profundos soluços, murmurou:

— Está bem... Então... Adeus!

— Adeus! Até amanhã ou até à volta... Sorri um pouco! Não quero levar a lembrança de um rosto triste...

Nancy sorriu-lhe entre lágrimas, enxuganrdo o pranto dos seus olhos. Mas não pôde pronunciar uma palavra mais. O desgosto que a atormentava apertou-lhe a garganta, sufocando-a.

— Sorri, Nancy, sorri. Assim, querida. O teu sorriso será a mascote do meu coração durante a guerra em que vou participar. Adeus!

★

Em 1944, transferiu-se para a marinha, pelo que passou seguidamente a pertencer ao Acampamento de Treino Naval de Great Lakes.

Durante uma curta licença que passou em casa com sua mãe, Roy caiu enfermo e teve de ser levado para uma clínica. Atravessou dias de incerteza e de dor. Mas venceu a crise graças à sua robustez física e, em 1945, encontrava-se já bastante distante do seu aprazível lar em Winnetka.

Já era então o marinheiro de primeira classe Roy Fitzgerald, de Winnetka, Illinois. Vivera horas intensas de serviço aéreo entre Gurem e Austrália.

Enviado para a guarnição da base aérea das Ilhas Samoa, destinou a sua mãe os primeiros quarenta dólares que ganhou.

«Querida mãe: Aí te mando o meu primeiro ordenado como homem, para que, em honra de teu filho, compres um vestido novo e o que mais puderes... Não sei se faço bem em fazer o pedido que vou dizer. Não queria que o teu coração de mãe se sentisse ofendido com esta petição. Confiado na tua compreensão rogo que compres também um ramo de rosas vermelhas e o envies à minha querida Nancy, dizendo-lhe que não a esqueci. Diz-lhe também que espero regressar em breve para realizar o mais belo dos meus sonhos: o casamento. Construiremos um lar repleto de ternura. Repartirei entre ti e ela o meu amor!

Adeus, mamã! Não acredito que te aborreças pelas rosas que te encomendo para Nancy... Já sabes que o meu amor por ti é especial. O que dedico a ela é diferente, porque representa outro aspecto da minha vida.

Muitos beijos

ROY»

A carta seguinte do jovem marinheiro a sua mãe desfiava um rosário de lamentações:

«Querida mamã. Obrigado por tudo, mas enviaste as rosas a uma Nancy que não era a minha!».





Em «A Espada de Damasco», Rock e Piper Laurie voltaram a encontrar-se, o que levou os cronistas de escândalos a preverem mais outro romance. Mas, se romance houve, não passou da frente das câmaras... Eis os dois artistas ensaiando uma cena sob a direcção do realizador.

Poucos meses depois, estando em serviço nas Filipinas, recebeu Roy uma carta inesperada.

«Meu bom amigo Roy.

«Não te admires com o tratamento de amigo com que começo esta carta. É a unica maneira de te tratar, porque na realidade sou incapaz de me mostrar insincera comigo mesma! A tua longa ausência de notícias provocou talvez a catástrofe. Devo confessar que deixei de te amar. Apaixonei-me por outro homem com quem vou contrair casamento. Os nossos caminhos afastam-se sistemàticamente. Tu partiste para os teus sonhos povoados de fantasmas invisíveis. Eu parto para a realidade de um amor que se me oferece com a visão de um futuro assegurado, embora talvez menos brilhante do que tu me oferecias.

Adeus, não me guardes rancor. Não te custará esquecer-me.

NANCY»

Profunda desilusão sofreu Roy ao ver assim os seus sonhos desfeitos. A realidade, porém, chamou-o à razão. Com a mesma santa filosofia que sua avó Ellen lhe ensinara, começou a raciocinar e, lutando contra a adversidade que o perseguia, conseguiria chegar mais longe de tudo quanto ousara sonhar.

★

Em 1945, de regresso a Winnetka, já desmobilizado da marinha, aceitou o primeiro emprego que se lhe ofereceu: carteiro auxiliar, em que se manteve durante um ano.

Em 1947, dispunha-se Roy a ingressar nos serviços auxiliares do exército, quando sua mãe foi transferida, pela companhia telefónica onde trabalhava, para a sucursal de Pasadena.

Ao tomar conhecimento da notícia, Roy viu imediatamente a possibilidade de ingressar na Universidade do Sul da Califórnia, aproveitando as facilidades concedidas pela sua caderneta de ex-combatente.

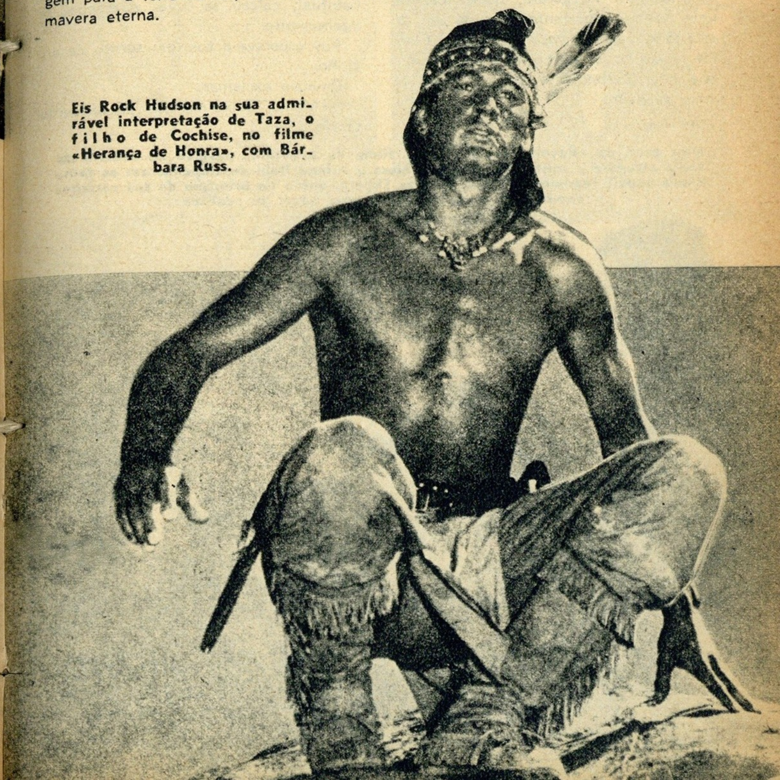
— Mamã — disse numa explosão de atrevido entusiasmo — decidi empreender a partir de hoje um novo rumo na minha vida. Quero ser um verdadeiro homem!

★

Cheios de esperanças e animosos propósitos, mãe e filho fizeram a longa viagem para a terra do sol, da luz, da Primavera eterna.

Porém, os dias amargos ainda não tinham desaparecido completamente. Em vez da Universidade em que tanto sonhara entrar, Roy viu-se obrigado a conduzir um camião para a Companhia de Budget Pack, ganhando 60 dólares semanais, e vivendo na companhia de mais 3 motoristas numa modesta pensão particular próximo de Westlak Park.

Roy, que sempre sentiu grande adoração por sua mãe, a corajosa Kay que soubera enfrentar a sua vida desfeita



Eis Rock Hudson na sua admirável interpretação de Taza, o filho de Cochise, no filme «Herança de Honra», com Bárbara Russ.

pensando apenas no filho que amava, não perdia nenhuma ocasião de estar a seu lado, oferecendo-lhe quantas distracções encontrava ao seu alcance.

Nas suas frequentes viagens pelos arredores de Los Angeles, levava a mãe consigo, não esquecendo a merenda com que deviam matar o apetite que os ares do campo estimulavam.

Certo dia, o encarregado de Roy na «Budget Pack Company» telefonou a Kay.

— Senhora Fitzgerald, quero dar-lhe uma notícia importante. Quando sair do escritório veja se encontra o seu filho. Ele espera por si acompanhado de alguém que quer conhecer a senhora antes de mais ninguém.

— Mas...

— Guarde segredo, por favor. É estrictamente confidencial.

Kay pensou emocionada que Roy tinha crescido bastante. Era já um verdadeiro homem. Quem seria a pessoa que desejava conhecê-la? Havia sem dúvida, qualquer história de amor no caso. «Presumo — pensou com o seu orgulho de mãe — que será uma bonita rapariga e amará Roy com todo o coração».

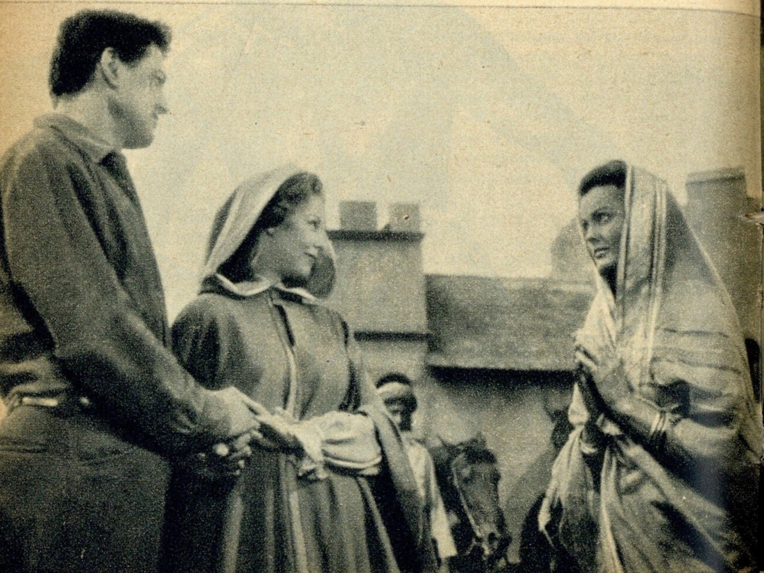
Antes de sair, arranjou o penteado com um pouco mais de esmero do que era habitual, calçou as luvas e empoou-se ligeiramente.

Roy esperava-a com um sorriso de orgulho.

Ouviu-o exclamar:

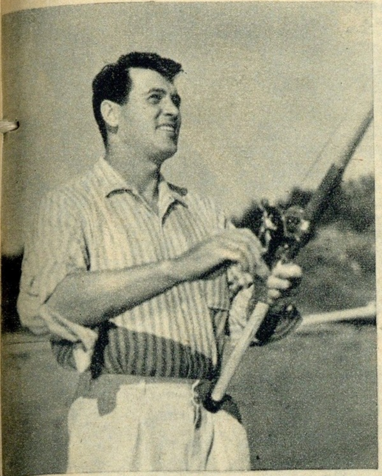
— Mamã. Deixa-me que te apresente Lizzie.

Uma cena de «Revolta em Bengala», filme de aventuras passado no cenário da Índia atraente e misteriosa. Ursula Thiess e Arlene Dahl desempenharam os principais papéis femininos. A sueca Anita Ekberg, então no princípio da sua carreira, também aparecia no filme, num papel de odalisca.



Rock Hudson é um homem de hábitos simples, que aprecia mais o descanso do lar do que uma reunião mundana, iluminada pelos «flashs» dos fotógrafos ou pelos holofotes das câmaras de filmar. Ei-lo com os travesseiros e o colchão pneumáticos, com que costuma dormir regaladas sestas na sua casa nos arredores de Hollywood.





Outro dos prazeres favoritos de Rock Hudson é a pesca desportiva. Ele adora o contacto com o ar livre e, sempre que pode, parte para o litoral da Califórnia, onde passa longas horas entregue ao prazer da pesca.



Mas, de entre todos os prazeres, nas horas de ócio, nenhum tinha comparação com o da companhia de Phyllis Gates, a esposa de quem agora se encontra separado. O sonho de ambos era ter a casa inundada dos risos alegres das crianças — mas Rock continua sem conhecer a ventura de ser pai.

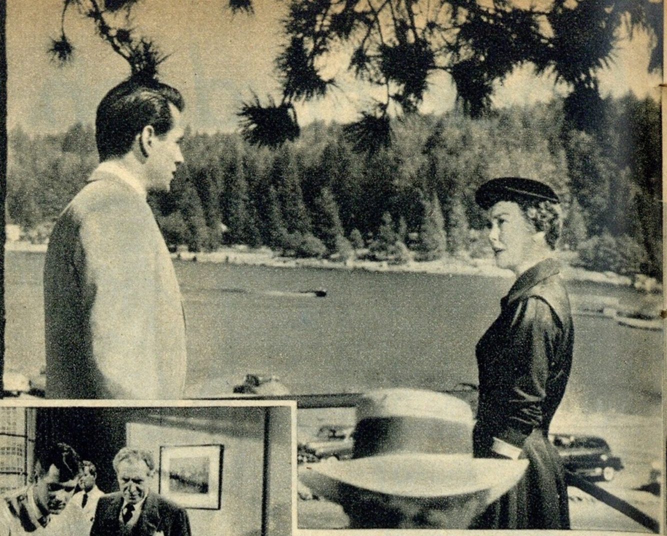
As mulheres e Rock Hudson

Dezenas de mulheres passaram na vida de Rock Hudson sem que alterassem a sua maneira de ser, simples e desafectada, a sua personalidade sem mácula. De entre todas, justo nos parece destacar aquelas que mais assiduamente o acompanharam no princípio da sua carreira: Vera Ellen, Gene Tierney, Susan Cabot, Bárbara Kieft, Lori Nelson, Julie Adams, Marilyn Maxwell, Bárbara Rush, Piper Laurie, Jane Wyman e Betty Abott. Em todas as fotografias que reproduzimos à direita, Rock Hudson exibe um sorriso que sensibiliza as mulheres das mais diversas condições. Não se trata de um sorriso de propaganda, tão do gosto de certos galãs, mas sim de um sorriso espontâneo e franco, que marca uma personalidade e revela uma alma despida de preconceitos e de pretenciosismos balofos.

Repare-se no facto bastante sintomático de que Rock nunca acompanhou «vedetas» do tipo Jayne Mansfield, que aproveitam todas as oportunidades para um alarde espaventoso do que possuem e, muitas vezes, do não possuem...

As mulheres que cruzaram, de forma rápida ou demorada, a vida de Rock Hudson, caracterizam-se pela simplicidade. E isto, mais do que todos os estudos psicológicos, diz tudo sobre a personalidade do artista a quem já chamam «o actor do século».







Eis duas cenas de «Sublime Expiação», o filme que elevou Rock Hudson ao nível dos melhores actores dramáticos de Hollywood e em que contracenou com uma actriz de invulgar talento: Jane Wyman.

«Exactamente o que supus» — pensou a mãe, sorrindo.

Contudo, Lizzie não estava presente. Kay procurava em vão descortinar qualquer rapariga que tivesse medo de se aproximar. De repente, surgiu de uma esquina um velho «Ford», que com as suas rodas pintadas de amarelo e a sua capota antiquada, causava a sensação dos transeuntes.

— Lizzie! — chamou Roy, abrindo-lhe a porta.

★

Quantas horas felizes lhes proporcionou aquele vetusto automóvel, com o seu difícil rodar pelas mais belas paragens dos arredores de Pasadena e Los Angeles.

Naquela época, Roy e Kay viviam num relativo bem-estar, sem dificuldades económicas, num modesto apartamento dotado dos pequenos luxos das famílias modestas: rádio, frigorífico. Como diversões, os passeios e o cinema aos domingos.

Não obstante, Kay sabia que Roy não tinha nascido para aquela vida. E disso também estava convencido o próprio Roy. Mas era um rapaz que sabia esperar. Desde que vira no cinema as proezas de John Hall nas maravilhosas ilhas do Pacífico, seduzia-o a ideia de se tornar actor, de triunfar no cinema, de chegar a ser alguém naquele mundo de sonho que era Hollywood. Para o conseguir, precisava de percorrer um longo caminho, porque na realidade não era ninguém, não era sequer um nome. Era um número e uma ficha numa companhia de transportes pesados.

A despeito de tudo, não era em vão que pelas veias de Roy corria sangue irlandês—perseverança e firmeza—e sangue alemão — eficácia e dureza.

Não podendo conter por mais tempo os seus anseios, Roy dirigiu-se a um amigo:

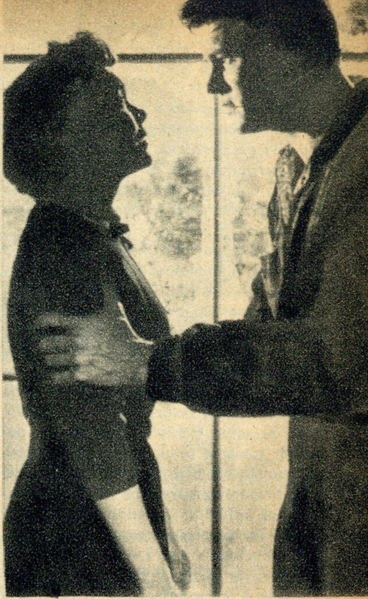
— Ouve, John, preciso de 24 dólares para... um negócio que me interessa.

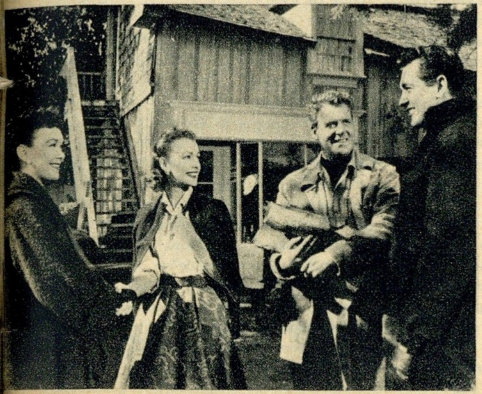
— Deve ser um negócio muito fraco. Com 24 dólares não podes ir longe...

— Empresta-mos... Prometo pagar-tos logo que possa. Antes de três meses explicar-te-ei a base deste negócio.

★

Roy tinha ouvido dizer que um produtor, Sol Lesser, às ordens da empresa Selznick-International, procurava um rapaz





Devido ao clamoroso êxito de «Sublime Expiação», a Universal resolveu produzir outro filme com os mesmos protagonistas. «O que o céu permite», confirmou, assim, as amplas possibilidades de Rock Hudson, no papel do jardineiro Ron Kirby, que se apaixona pela viúva Cary Scott, vivendo o romance belo e enternecedor de um amor impossível.

de constituição atlética para continuar nos estúdios a série de filmes sobre Tarzan.

Uma vez resolvido o primeiro problema, aproveitou uma viagem de camião a Culver City para entregar as suas fotografias nos escritórios dos estúdios. Responderam-lhe que deveria entregá-las na secção destinada aos pedidos para ingressar no cinema.

Roy escreveu com mão firme sobre o envelope: Vice-presidente Mr. Henry Wilson.

No mesmo dia, o referido Henry Wilson estudou as fotografias que o motorista do camião lhe deixara. Estava ali a matéria para formar um actor. Aparte as magníficas condições físicas de Roy, havia nas suas feições beleza varonil, firmeza e fibra de actor. Henry Wilson acabou por decidir tomar a sério a proposta de Roy. Chamou-o e deu-lhe alguns conselhos.

— Prepare-se para uma prova fotográfica nos estúdios. Aprenda tudo quanto possa. Tenha perseverança e firmeza e procure o meu amigo Lesther Luther. Ele poderá fazer qualquer coisa por si.

Graças à recomendação de Wilson, Lester Luther, ensaiador dos estúdios Selznick, dedicou a sua atenção ao animoso jovem. Todas as horas livres de Roy passaram a ser dedicadas a aulas de arte dramática. E até nas horas de trabalho, o jovem motorista não esquecia o seu ingresso no cinema. Sempre que o itinerário do seu camião lhe permitia, visitava Lester para lhe pedir explicações e poder aprender a maior quantidade possível dos segredos da profissão de actor.

Durante a sua aprendizagem com Lester, Roy teve a oportunidade de conhecer muitas caras famosas do estúdio: Jennifer Jones, Joseph Cotten, Shirley Temple. Mas a sua presença passava-lhes despercebida, vestido como andava de fato de ganga azul.

O teste que desejava era transferido sempre para o dia seguinte. Por fim, não podendo suportar mais aquela demora, Roy resolveu interpretar Wilson.

— Diga-me a verdade, Wilson. Porque não me marca David Selznick um dia certo de provas?

— Não posso continuar a enganá-lo, meu pobre Hudson... Eu creio adivinhar no senhor um futuro «astro» cinematográfico, mas... creio que os outros têm uma opinião diferente.

David Selznick não estava interessado em oferecer-lhe um contrato, por muito modesto que fosse. Walter Wanger tomou a mesma atitude. Outros rejeitaram também as propostas de Roy.

A adversidade não desanimou o persistente candidato. Pelo contrário, ele decidiu dedicar-se inteiramente ao cinema, pelo que abandonou a sua profissão de motorista. Animava-o uma invencível fé em si mesmo, a certeza de que o cinema o esperava.

★

Os anos passaram-se e, em 1948, finalmente, Roy Fitzegerald trocou o nome por Rock Hudson, graças ao realizador Raoul Walsh, que lhe facultou uma prova cinematográfica — o sonho doirado de todos os aspirantes a artistas de cinema. A prova consistiu numa cena de amor com Janis Paige, para o filme «Colorado Territory» que viria a ser interpretado por oJel McCrea.

Rock Hudson saiu-se tão airosamente desta prova, que a Warner o contratou para um pequeno papel no filme «Fighter Squadron», que lhe abriu o caminho para uma carreira ascensional. Raoul Walsh não hesitou em oferecer-lhe um contrato de 125 dólares semanais por quarenta semanas, contrato que Rock Hudson também não hesitou em aceitar...

Orientado por Henry Wilson, que se tornou o seu agente artístico, Rock decidiu entregar-se a fundo ao estudo da arte de representar. Animava-o uma inquebrantável fé nas suas condições de actor, na naturalidade, sinceridade e probidade





Amizade entre Rock e Lyz



Elizabeth Taylor, a jovem viúva do malogrado Mike Todd, conheceu Rock Hudson durante as filmagens de «O gigante», o último filme de James Dean. Como os leitores sabem, uma grande parte da acção do filme situava-se em pleno Texas, o que obrigou a equipa de filmagens a deslocar-se ao próprio território que no filme aparece. Daí os laços de camaradagem que surgiram entre Rock, Elizabeth e James Dean, levando-os a se auxiliarem mùtuamente nos ensaios e a compartilharem a mesma vida ao ar livre dos que habitam no Texas. Na data do seu aniversário, Elizabeth encontrava-se em filmagens, e um grupo de admiradores ofereceu-lhe um artístico bolo, desenhado com o território do Texas, poços de petróleo, jardins, etc.

Nessa festa do aniversário de Elizabeth, Rock esteve sempre junto dela, conforme as fotografias que publicamos documentam. O que prova que entre dois artistas, por muito atraentes que sejam, pode existir apenas amizade...

Em «O Rebelde da Irlanda» Rock Hudson reviveu, ao lado da insinuante Bárbara Rush, a história do famoso capitão «Pé-Leve», um homem que por sua dama e pela pátria, arriscava a vida e corria mil aventuras.



profissional que imprimia às suas actuações.

Terminado o contrato com a Warner, Raoul Walsh apresentou o jovem actor a John Ford, a Hall Wallis e a outros realizadores e produtores, que lhe prestaram pouca atenção e não o admitiram nos seus estúdios.

— Não te preocupes, Rock. Nasceste para triunfar, e podes crer no futuro. A tua oportunidade chegará.

O ano de 1949 marcou o início de uma nova vida para o jovem actor. A Universal ofereceu-lhe um contrato, com um salário superior ao que a Warner lhe pagara. Rock apressou-se a comunicar a boa notícia a sua avó materna, que vivia numa granja de Mobile, em Alabama:

«Avó. Tenho um novo contrato. Ganho agora 150 dólares por semana».

Ao que a bondosa anciã respondeu:

«Bravo, meu rapaz. Tem juízo e economiza o que puderes...»

★

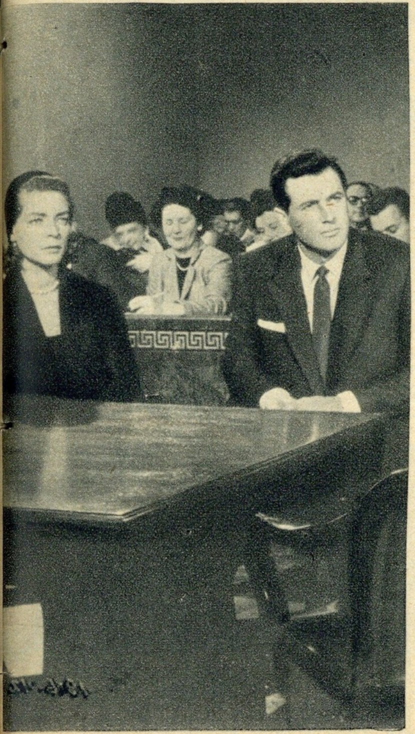
O tempo decorria numa agradável excitação. Os pequenos papéis que Rock interpretara tinham o encanto do imprevisto e da novidade. Eram como que um mundo novo cheio de luz e cor. Surgia em cada filme nos mais diversos papéis: detective, «cow-boy», criado ou soldado.

Apesar dos pequenos papéis que lhe confiavam, a sua figura atlética começou a ser notada. A mãe de Rock compreendia, finalmente, que a obstinação do filho pela carreira cinematográfica tinha inteira razão de ser.

Certo dia, o jovem actor entrou em

Outro grande filme de Rock Hudson: «Escrito no Vento», com Lauren Bacall, Robert Stack e Dorothy Malone, numa realização de Douglas Sirk. Baseado na crónica escandalosa da vida privada de uma família de milionários, «Escrito no Vento» poderia ser considerado como o filme das histórias proibidas do cinema americano. Pode-se afirmar, por outro lado, que Rock Hudson, no papel de Mitch Wayne, abriu neste filme mais uma gloriosa etapa na sua carreira, a partir da qual todos os seus filmes se contam por êxitos.





casa e abraçou sua mãe com alvoroço, exclamando:

— Devo confessar-te que estou apaixonado por Vera Ellen.

— Estás apaixonado? Eu creio antes que estás louco se pensas em Vera Ellen. Como podes crer que uma mulher que já atingiu os píncaros da fama e que ganha semanalmente 1.500 dólares pode fixar a sua atenção num jovem como tu? Não passas de um pobre figurante... a quem vaticinam um futuro radioso... mas... o público ainda não sabe quem és.

★

No mês de Fevereiro de 1950, Rock interveio num filme típico do Oeste, «Winchester 73», exibindo os seus magníficos dotes como cavaleiro, desenvolvidos na infância, quando passava as férias na granja dos seus avós em Olney.

Durante a rodagem deste filme, Rock viu-se obrigado a repetir várias cenas, porque, cada vez que o seu cavalo partia a galope, o descomunal chapéu de vaqueiro que lhe tinham distribuído era arrebatado pelo vento...

Notava-se já certo nervosismo entre o pessoal técnico devido ao facto de o incidente se repetir sem deixar antever um fim. Os opera-



«Nunca digas adeus» deu-nos Rock Hudson no papel do médico que, mordido pelos ciúmes, conduz a esposa a uma decisão infeliz. O público português consagrou este filme como um dos romances sentimentais mais inesquecíveis que têm passado entre nós.

dores começavam a mostrar-se carrancudos. De repente, um riso alegre e contagioso ecoou pelo estúdio e todos os presentes romperam num coro de alegres gargalhadas. A tensão nervosa diminuiu e o jovem actor, mais confiante em si próprio, pôde, finalmente, lançar o cavalo a galope sem deixar cair o chapéu...

Aquele riso contagioso que salvou a situação, partira de uma bonita rapariga, ruiva e de olhos feiticeiros, que Rock já conhecia. Era a «script girl» Betty Abbott.

A partir de então, uma franca e sincera amizade passou a uni-los.

★

O ano de 1950 prosseguia, sem que se alterassem para Rock o ritmo dos pequenos papéis que pouco contam na história de um actor. Como sucede com frequência aos actores de pouco relevo devido aos perigos que correm nas suas actuações, Rock sofreu uma queda de um cavalo e vários acidentes mais, que, apesar de pouco importantes, puseram à prova a sua inflexível vontade de triunfar.

1951 constituiu uma data venturosa na carreira de Rock. O estúdio precisou de um actor de estatura semelhante à de Jeff Chandler para filmar «Homem de ferro» e, após várias demarches, a escolha recaiu







Em «Abnegação», Rock Hudson encarnou a figura do coronel Dean Hess, que deixou a sua vida de pastor para se tornar piloto de combate, no desejo de reparar uma falta desumana que involuntàriamente cometera. A crítica afirmou que, neste filme, Rock excedeu todas as suas anteriores actuações — mas trata-se simplesmente de um facto que se repete de filme para filme, pois Rock não cessa de aumentar os seus recursos histriónicos.





Na carreira de Rock Hudson, o filme máximo (se esta palavra pode ser usada para um actor cuja ascensão surpreende os mais optimistas) é, sem dúvida, até agora, «O adeus às armas», com Jennifer Jones. A sua interpretação no papel do combatente Frederic Henry merecia o «Oscar» de Hollywood, que aliás só não lhe foi concedido por ter surgido um concorrente chamado Alec Guiness — agora no apogeu da sua carreira.





«Sangue sobre a terra», filme que não chegará a ser exibido em Portugal, levou Rock Hudson para a África — o que cimentou indirectamente os problemas que originariam a separação de Phyllis Gates. O filme, realizado por Richards Brooks, o autor de «Sementes da Violência», focava o problema das relações entre negros e brancos. Rock Hudson, Dana Wynter e Sidney Portier, segundo disse a crítica estrangeira, deram neste filme grande demonstração do seu poder dramático.

Rock Hudson — o marido ideal





A afirmação de que Rock Hudson é o marido ideal não pode ser desmintida pela separação que Phyllis Gates lhe pediu depois das prolongadas ausências do actor devido às filmagens na Europa e África. E não pode ser desmentida porque o comportamento de Rock Hudson no lar correspondeu sempre ao que as mulheres, em regra, consideram exactamente as qualidades máximas: fidelidade, ternura, alegria e amor... Rock, sempre que os estúdios lhe permitiam, passava sempre a maioria do seu tempo disponível junto de sua esposa, numa vida caseira jamais perturbada pelo barulho estridente das festas pomposas de Hollywood. Não se pense, contudo, que Rock se comportava assim por ser um homem demasiado disciplinado ou melancólico por temperamento. Não; Rock sabe rir e brincar, quando a hora é de rir e brincar; e sabe concentrar-se e estudar quando precisa de acompanhar a cultura e a vida do nosso tempo. Que os nossos leitores vejam com atenção estas duas imagens que dispensam comentários.

em Rock Hudson, a fim de interpretar o papel de adversário de Jeff.

O filme abriu-lhe o caminho da consagração. Todos sabem que os produtores cinematográficos concedem suma importância à popularidade de um actor. Os mais conhecidos, os que contam com mais correspondência e admiradores, obtêm sem discussão os ordenados mais altos de Hollywood.

Desta forma, Rock ficou devendo às suas admiradoras a ponte doirada para a celebridade que se abriu na sua carreira.

Durante a estreia do filme «Bend of the River», em Portland, Ohio, registou-se uma surpreendente manifestação. Todo o público, especialmente as raparigas começaram a gritar:

— Rock Hudson! Rock Hudson!

Nenhum género de propaganda impressiona mais os produtores do que as manifestações espontâneas do público. Aquela aclamação deu-lhes que pensar. E concluíram, sem dificuldade, que tinham nas mãos um novo galã com êxito assegurado.

Entretanto, Rock tinha já criado uma vincada personalidade como actor, continuando a ser, porém, o rapaz simples, bom e generoso de sempre. A actriz Júlia Adams, que trabalhou a seu lado em quatro filmes, chegou a declarar numa entrevista:

— Rock é o actor mais camarada e compreensivo de quantos conheci até hoje. Para os actores que começam as suas carreiras ele é um poderoso amigo e protector, que nunca lhes recusa os seus oportunos conselhos e ajuda.

Em 1952, já alcançada a celebridade, Rock surgiu como protagonista de numerosos filmes, entregando-se com entusiasmo a uma actividade esgotante. O seu nome era sinónimo de êxito e o público feminino elegera-o um dos seus ídolos.

Em Setembro do mesmo ano, Rock deslocou-se a Londres, para trabalhar ao lado da actriz Yvonne de Carlo em «O Anjo Vermelho», um filme dirigido pelo seu amigo e conselheiro Raoul Walsh.

— Sabes, Rock, que serás apresentado à rainha de Inglaterra?

— Estás a brincar...

— De nenhum modo, e vou demonstrar-te que não na festa que se realizará em Buckingham na próxima semana. Os



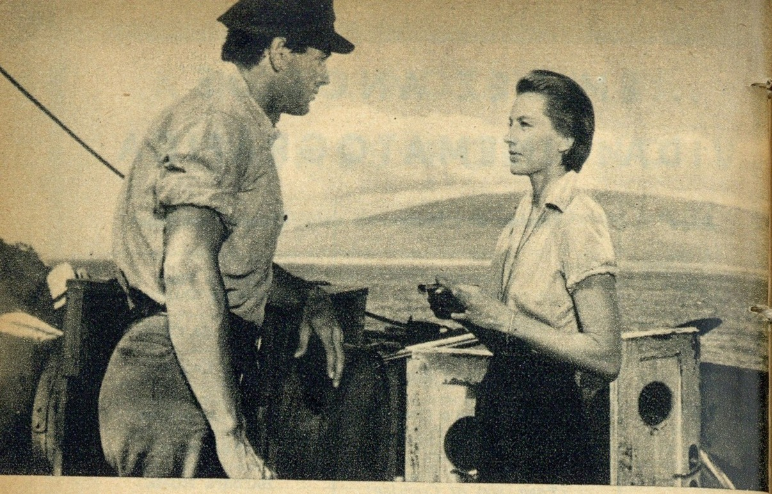
Rock Hudson e Dorothy Malone numa cena de amor do filme «The Tarnished Angels» (ainda sem título em português) a exibir brevemente entre nós.

A MÉDIA NOTÁVEL DE 4 FILMES POR ANO

Anos	Títulos dos filmes	Outros artistas
1949	Fighter Squadron	Edmond O'Brien Robert Stack
	Undertow	Scott Brady John Russell
	I Was a Shoplifter	Scott Brady Mona Freeman
	One Way Street	James Mason Marta Toren
1950	*Peggy*	Diana Lynn Charles Coburn
	Winchester 73	Shelley Winters James Stewart Dan Duryea
	O Gavião do Deserto Desert Hawk	Richard Greene Yvonne de Carlo
	Grito de Guerra Tomahawk	Van Heflin Yvonne de Carlo
1951	*O homem gordo* (The fat man)	Scott Smart
	Luz nas Trevas Bright Victory	Arthur Kennedy Recharg Egan
	Titãs do Céu Air Cadet	Stephen Mc Nally
	A última reportagem Shakedown	Howard Duff Brean Donlevy
1952	*Homem de Ferro* Iron Man	Jeff Chandler Stephen Mc Nally
	Here Come the Nelsons	Ozzie Nelson Harriet Nelson
	Jornada Heróica Bend of the River	James Stewart Arthur Kennedy Julie Adams
	Viram a minha noiva? Has Anybody Seen My Gal	Piper Laurie
1953	*O anjo vermelho* (Scarlet Angel)	Yvonne de Carlo
	Coração Selvagem Horizons West	Robert Ryan Julie Adams
	Sob o signo do mar The Lawless Breed	Julie Adams

...EM DEZ ANOS DE VIDA CINEMATOGRÁFICA

Anos	Títulos dos filmes	Outros artistas
1953	*(Massacre)* Seminole	Barbara Hale Anthony Quinn
1954	*Gigantes em Fúria* The Sea Devil	Yvonne de Carlo
	(A espada de damasco) The Golden Blade	Piper Laurie
	(Terras da morte branca) Back To God's Country	Steve Cochran Marcia Anderson
	(A Fúria das Armas) Gun Fury	Donna Reed
	Herança de Honra *(Taza, son of Cochise)*	Barbara Rush
1955	*(Sublime expiação)* Magnificent Obsession	Jane Wyman
	(Revolta em Bengala) Bengal Bregade	Arlene Dahl
	(O Rebelde da Irlanda) Captain Lighfoot	Barbara Rush
	(Um só desejo) Que Desire	Anne Baxter Julie Adams
	(O que o céu permite) All that Heaven Allows	Jane Wyman
1956	*Nuncas digas adeus* (Never Say Goodbye)	Cornell Brochers
	Gigante (Giant)	Elizabeth Taylor
	Escrito no vento (Written on the wind)	Lauren Bacall
	Abnegação (Battle Hymm)	Anna Khasfi
1957	The Tarnished Angels	Dorothy Malone
	Sangue sobre a terra (Something of Value)	Dana Wynter
	O Adeus às armas (A Farewell to Arms)	Jennifer Jones
1958	Twilight for the Gods	Cyd Charisse



Outro filme de Rock a exibir dentro de um ano em Portugal, «Twilight for the Gods», desta vez com Cyd Charisse.

artistas americanos que se encontram em Londres serão apresentados a Sua Majestade.

Rock Hudson assistiu à recepção real. No momento de beijar a mão da rainha, apenas pôde exclamar com a voz embargada pelà comoção:

— Majestade!

Isabel de Inglaterra sorriu-lhe benèvolamente e talvez com admiração, numa homenagem ao homem mais admirado pelas mulheres norte-americanas.

De regresso à América, Rock Hudson, ídolo do mundo feminino, foi alvo de incessantes aclamações em todas as cidades por onde passou até Hollywood. O correio recebido nos estúdios da Universal atingia 3.500 cartas mensalmente, e as revistas de todo o mundo disputavam os seus retratos.

Em Hollywood discutia-se então a escolha do actor que deveria ser o protagonista de «Sublime Expiação», com Jane Wyman. Os mais famosos galãs disputavam-se para a obtenção daquele papel e nasciam secretas intrigas.

Rock Hudson compreendeu que estava em jogo a grande oportunidade da sua carreira. Se triunfasse na difícil prova passaria à categoria de actor dramático, a mais importante faceta de um actor. Se fracassasse, não abandonaria mais os filmes do Oeste.

Os produtores que ouviram as suas pretensões, puseram sérios obstáculos. Perguntaram-lhe se se achava à altura de desempenhar um papel de tanta responsabilidade como o de Lloyd Douglas. Perguntaram-lhe também se tinha coragem para se medir com uma actriz da envergadura de Jane Wyman. E perguntaram-lhe ainda se considerava suficiente o treino de 21 filmes de aventuras para enfrentar um drama tão violento como «Sublime Tentação».

Rock Hudson respondeu afirmativamente com uma convicção que não deixou quaisquer dúvidas aos produtores.

Dias depois, conhecia-se finalmente a decisão dos estúdios: Rock desempenharia o principal papel masculino de «Sublime Expiação».

Antes da rodagem do filme, Rock Hudson passou alguns dias de descanso em Laguna, a fim de estudar o seu papel. Necessitava de repouso e tranquilidade para enfrentar a máxima oportunidade da sua carreira.

★

No dia 31 de Agosto, quando passeava a cavalo, Rock sofreu uma queda violenta, de que resultou a fractura de uma clavícula. Transportado ràpidamente numa ambulância ao hospital de Burbank, um só pensamento o torturava: «Quanto tempo levarei a curar-me? — perguntava a si mesmo com louca impaciência. «Perderei agora a mais bela oportunidade da minha carreira?»

O diagnóstico do médico não podia ser mais desagradável.

— Levará, pelo menos, dois meses a curar-se.

Contrariando as previsões do médico, Rock estava restabelecido, graças às suas magnficas condições de atleta.

As filmagens de exteriores de «Sublime Expiação» começaram quatro dias depois, nas margens do lago Arrowhead. As primeiras cenas exigiram de Rock um constante esforço muscular, vendo-se o enérgico actor obrigado a usar toda a sua força de vontade para não desistir. Certas cenas, devido aos ensaios e repetições que o cinema exige, tornaram-se-lhe extremamente penosas.

Rock só não desistiu, graças ao estímulo dos seus companheiros de trabalho, em especial de Jane Wyman, Agnes Moorehead e Otto Kruger, cuja experiência em papéis dramáticos ajudaram o novel actor a vencer as dificuldades.

No dia 11 de Janeiro de 1954, «Sublime Expiação» estreou-se no Teatro de San Fernando. Rock estava ansioso por saber como o público reagiria. As duas horas de projecção do filme pareciam-lhe intermináveis. Quando a palavra «The end» surgiu no «écran», o público levantou-se, entusiasmado, aclamando Rock Hudson. Era a consagração, o triunfo.

No firmamento de Hollywood acabava de nascer uma estrela de primeira grandeza.

Kay, a mãe de Rock, casara-se entretanto com Joseph Olsen, e encetara uma nova vida. Seu filho, longe de a censurar pela decisão que tomara, não esqueceu as privações e as dificuldades que sofrera na juventude. Ofereceu-lhe uma formosa vivenda e outros presentes de valor, levando-a constantemente às estreias de gala de Hollywood e apresentando-a orgulhosamente a todos os amigos.

A vida sentimental de Rock parecia confinada ao amor por sua mãe. Era certo que corriam rumores acerca de numerosos «flirts», mas o jovem actor, quando interrogado pelos jornalistas, dava sempre a mesma resposta convincente:

— Desejo preservar a minha liberdade até quando puder...

Todos sabiam, porém, que Rock Hudson namorara sucessivamente várias artistas e mulheres elegantes: Júlia Adams, com quem interpretara quatro filmes; Vera Ellen, que tanto o impressionara no princípio da sua carreira; a «script-girl» Betty Abbott, que os jornalistas não cessavam de referir nas colunas de mexericos; a condessa Maria Goagne, com quem travara conhecimento no Festival de Veneza; Bárbara Rush, que se separara do marido, o actor Jeffrey Hunter; etc., etc.

Quando no dia 9 de Novembro de 1955, as agências telegráficas transmitiram a notícia do casamento de Rock Hudson com Phillys Gates, os curiosos de Hollywood ficaram boquiabertos, sem poder

explicar o seu espanto... Sòmente dias depois vieram a saber que a mulher que Rock Hudson escolhera para esposa era a secretária do seu agente Henry Wilson.

O romance começara um ano antes, pouco mais ou menos, sob uma atmosfera de segredo. Embora tivessem sido vistos várias vezes dançando no «Romanoff», como dois verdadeiros noivos, ninguém dera crédito àquele romance. Phyllis Gates era uma secretária demasiado modesta para um galã cuja ascensão se efectuava dia-a-dia...

Os que assim pensavam enganaram-se. E enganaram-se exactamente por não conhecerem a verdadeira personalidade do actor que supunham preocupado apenas com a fama e a vida artística.

O casamento de Rock Hudson com Phyllis Gates, ao contrário de tantos outros casamentos de Hollywood, obedeceu apenas ao imperativo do amor e da compreensão. Daí a felicidade que reinava entre ambos e que era apenas o prolongamento natural dos sentimentos que nutriam um pelo outro.

A intimidade do jovem casal, na vivenda em estilo de rancho que habitavam no alto de Hollywood Hills, era um verdadeiro ninho de amor. Phyllis não escondia a sua felicidade por ser a esposa do mais cobiçado jovem galã do cinema. E Rock mostrava-se igualmente feliz por ter a seu lado uma mulher que às qualidades naturais de beleza e elegância, aliava a simplicidade e simpatia, cuidando da casa com carinho e devoção.

Contudo, a felicidade compraz-se muitas vezes em se ausentar daqueles que têm todas as condições para a reter. Assim, o princípio do ano de 1957 marcou pràticamente o fim de tão belo romance de amor. Três filmes sucessivos na África, na Europa e nas ilhas Hawai, afastaram Rock Hudson do lar que tanto amava. Phyllis sofreu dolorosamente a ausência do marido. Pediu-lhe que voltasse. Queria-o a seu lado, precisava de vê-lo...

Rock, porém, não podia furtar-se às obrigações dos contratos. Contraíra também responsabilidades para com o cinema — a arte que tantas alegrias e triunfos abrira à sua vida apagada de motorista de camiões. Precisava de pensar. Não podia abandonar tudo para correr para os braços de Phyllis.

Quando regressou a Hollywood, após quase um ano de ausência, Phyllis não estava à sua espera. Procurou-a ansiosamente em casa, mas aí também não a encontrou. Sobre a mesa da sala de estar, destacava-se o vulto branco de uma carta. Abriu-a ansiosamente. Era o adeus de despedida da esposa amada.

Só então Rock compreendeu quanto Phyllis deveria ter sofrido com a sua ausência. Escreveu-lhe uma carta, pedindo-lhe que voltasse. Ela, porém, persistiu na decisão que tomara.

— Não quero ser tua esposa apenas de nome. Quero-te a meu lado. Tornaste-te escravo do cinema e relegaste-me para segundo plano. Sei que me amas, mas não podemos viver assim.

A separação do casal dura desde o dia 19 de Outubro de 1957. Rock Hudson, que goza agora a plenitude da sua imensa popularidade, não tem sido visto acompanhado por outras artistas nos lugares mundanos de Hollywood, que aliás não frequenta. Embora tivesse sido visto almoçando no restaurante da Universal com a ex-«script-girl» Betty Abbott, com quem se namorou antes do seu casamento, nada leva a crer que Rock Hudson esteja disposto a divorciar-se. Ele debate-se interiormente no dilema que atormenta tantos artistas e que torna incompatível a vida artística com a vida conjugal. Daí a ausência do ar alegre e despreocupado que todos lhe conheciam.

No entanto, no livro da vida de Rock Hudson encontram-se ainda para escrever muitas páginas, que o tempo folheará na sua marcha implacável...

FIM



N. 22

PREÇO 2$00